Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: 91

Data: 16.10.85 Pg.:

Índios Kayapó querem ter o controle sobre os garimpos

4468

O presidente da Funai, Álvaro Villas-Boas, manteve ontem uma demorada reunião com as lideranças Kaiapó, na sede da delegacia regional da Fundação, em Belém, ocasião em que ouviu do futuro cacique Paiakã, pedido de empenho para a resolução de problemas que ainda perturbam a comunidade indígena na reserva, hoje invadida por extratores de mogno e garimpeiros que descobriram ouro naquelas terras.

Paiakã disse que "nós índios não podemos ficar dependentes de qualquer um. Nem da Funai índio tem que ficar dependendo. O índio é igual a qualquer pessoa e quer mandar no seu destino. Por isso, índio está aprendendo e com isso ele quer desenvolver para não ficar sofrendo na mão do invasor de suas terras que roubam a madeira e o ouro, poluem o rio, tomam nossas terras".

O gabinete da presidência da Funai denunciou à Polícia Federal um acordo feito por um ex-assessor do órgão, Cláudio dos Santos Romero envolvendo índios e garimpeiros no sentido de permitir a entrada de brancos em Cumaruzinho do Sul. No ofício dirigido à PF, Villas-Boas aponta uma série de irregularidades e agora, está exigindo a anulação da concessão de autorização que beneficia o empresário Eurípedes Prudêncio de Moura. Paiakã, indagado sobre a questão de Cumaruzinho do Sul, disse que os índios estão permitindo a entrada naquele local da mesma maneira que aconteceu em Maria Bonita e querem, da mesma forma, receber parte do ouro explorado.

Paiakã disse que a entrada de garimpeiros em Cumaruzinho do Sul "não é uma coisa boa para os índios. Mas ninguém está fazendo nada para impedir. Índio quer controlar o garimpo e mostrar que pode fazer o serviço". Álvaro Villas-Boas declarou que "no caso de garimpeiros em terras indígenas eu sou contra. Na minha opinião, o negócio é não permitir a entrada de ninguém nas terras indígenas". Villas-Boas entende que o índio

Villas Boas ouviu os índios

deve voltar à sua caça, suas roças e aos seus costumes.

"Mas diante deste avanço da garimpagem, não vai dar mesmo. Então, o que nos resta? Temos que conviver com este problema e tratar de suavizá-lo. E daí tirar as lições positivas e negativas e procurar aperfeiçoar. Tem liderança que não quer acabar o garimpo. Aqui mesmo na Funai eu ouvi um líder me dizer isso", disse Villas-Boas referindo-se à posição do porta-voz da nação kaiapó, Paulo Paiakã.

Imediatistas

Segundo o presidente da Funai, o índio, como todo o gênero humano, "é um imediatista". Villas-Boas confessou que diante da posição do líder Kaiapó, não sabe de que maneira vai tirar o garimpeiro das terras indígenas. Ou o que poderá acontecer diante deste fato novo. Entende o presidente da Funai que os índios estão tomando uma importante decisão política, permitindo que haja garimpo em determinadas áreas da reserva, a que hoje está invadida por mais de 40 mil homens só no projeto Cumaru e mais de 15 mil em Maria Bonita, sem contar as concentrações de Tarzã e garimpos ainda sem nome na Serra dos Gradaús.

E que, nestas áreas eles imprimiriam uma fiscalização e, na medida do possível, tentariam evitar outras invasões. "A situação é irreversível", disse Villas-Boas. O presidente da Funai disse que a perspectiva dos Kaiapó, diante da invasão "irreversível" de suas fronteiras terão que aprender a conviver com esta nova realidade já que a própria Funai não sabe como tirar os garimpeiros de terras indígenas.

Sobre os incidentes acontecidos, principalmente com os indígenas do Paraná, Villas-Boas garantiu que o seu relacionamento com os índios brasileiros tem melhorado muito. "Recebi convite para visitar as comunidades Xavante, que são índios intransigentes, hoje eles me convidam. No começo, eram contra a minha pessoa".

CIMI è hostil

Perguntado como está o entendimento entre a Funai e o CIMI, Villas-Boas declarou, na linguagem indigenista, que o CIMI "é profundamente hostil à minha pessoa, coisa que já vem de muito tempo". Disse que por não ter permitido a penetração do CIMI na região sob a jurisdição da delegacia onde fora diretor é que a animosidade entre CIMI e Villas-Boas teria surgido.

Criticou "estes padres da Igreja da Libertação", dizendo que não compartilha com esta filosofia e que a função dos sacerdotes crentes na Teologia da Libertação está distorcida. "A função do sacerdote é iminentemente espiritual. Tem que cuidar de assuntos de igreja, assuntos da alma, do espírito e da eternidade. É isso que eu acho", asseverou o presidente da Funai.

Com Jáder

À tarde, o presidente da Funai, Álvaro Villas-Boas, esteve com o governador Jáder Barbalho, para uma visita, segundo ele, de cortesia. "Foi uma conversa muito agradável. Eu achei o governador uma pessoa muito equilibrada" — disse, informando que a conversa foi bastante genérica. "Nós falamos sobre a ocupação da Amazônia, que está sendo feita de uma maneira muitas vezes irracional. Tratamos da questão indígena, das dificuldades existentes. Não houve nada de especial" — garantiu.

Álvaro Villas-Boas informou que o governador prometeu auxiliar a Funai no que for possível. Mas, ressaltou, novamente, isto também foi conversado em termos genéricos, "porque nada de concreto lhe foi apresentado". Apesar de estar acompanhado, durante a visita a Jáder, do cacique Paiakã, liderança Kaiapó, negou que se tenha tratado especificamente do problema do garimpo existente nas terras desta tribo. "Nós falamos sobre terras indígenas de um modo geral" — asseverou. Segundo disse, a única solicitação que fez ao governador, foi no sentido de que ele auxilie o delegado regional da Funai.

O presidente da Funai informou, também, que Jáder manifestou entendimento de que a questão indígena é um assunto para ser amplamente debatida à nível nacional e por todos os segmentos da sociedade. E garantiu, por outro lado, que possui documento comprobatório da autorização que teria sido dada pelo antropólogo Cláudio Romero, para a realização de atividade de mineradora na reserva Kaiapó. "Nós vamos revelar estes documentos na hora oportuna" — adicionou, explicando que parte desta documentação teve inclusive firma reconhecida, no cartório de Redenção.

Cacique Paiakã inocenta Cláudio Romero

O futuro cacique da aldeia Aukrê, que fica bem no centro da reserva Kaiapó, Paulo Paiakã — hoje porta-voz e verdadeiro chanceler da nação Kaiapó — disse ontem na Funai, logo após a reunião com o presidente da Funai, que não está inclinado a retirar de Cumaruzinho do Sul os garimpeiros que entraram na área mediante concessão de autorização para a garimpagem que beneficiará, principalmente, o empresário Eurípedes Prudêncio de Moura, residente em Redenção, sul do Pará.

A autorização, segundo Paulo Paiakã, surgiu depois de avaliação feita pela comunidade Gorotire, a aldeia mais poderosa da reserva Kaiapó — responsáveis pelo massacre da Fazenda Espadilha, tomada do garimpo de Maria Bonita e ocupação da fazenda Gran Reata — e que, "os índios estão querendo aprender e agora vão fazer a fiscalização e controle do garimpo. Não queremos mais ficar dependentes de ninguém".

Com o dinheiro oriundo do dízimo pago pela Caixa Econômica Federal, que é a única compradora do ouro na reserva, os índios estão modificando seu comportamento na região de Gradús e vale do rio Fresco. Uma das providências mais importantes da nação Kaiapó, foi a aprovação da compra de um avião.

Ontem, Paiakã disse que o avião já está operando sob administração Kaiapó. Os índios compraram uma aeronave de cinco lugares, modelo Minuano/Embraer, prefixo PT-EVZ para servir a todas as comunidades. Baseado em pista limpa e bem compactuada em Gorotire, a aldeia do rio Fresco, o avião serve para o transporte da comunidade até Redenção, principalmente, onde estão adquirindo mercadorias, combustível, munição para caça e pesca, além de ferramentas e gêneros alimentícios. "Muito logo, haverá um piloto Kaiapó em nosso avião", prometeu Paiakã.

Disse que para fazer frente à inexorável penetração branca em terras indígenas, veio a Belém para solicitar mais apoio para os serviços de demarcação que está sendo feito por um destacamento do Exército. E que, "nós temos uma preocupação. Por isso mandamos nossos rapazes para estudar em Altamira e Belém. Índio tem que se preparar", enfatizou.

Unico Kaiapó que conseguiu a unanimidade das cinco aldeias, Paiakã declarou que não tem sido fácil o seu trabalho de negociar com os brancos e relatar a um verdadeiro conselho comunitário, tudo o que discutiu nas mesas de negociação da Funai. "Estou muito bem entre os índios. Eles estão confiando no meu trabalho porque o trabalho está aparecendo. Antes, a Funai não fazia nada para nós. Agora índio é que vai fazer e mostrar o que sabe fazer", garantiu confiante. Pulseira e anel no dedo, casado, pai de dois filhos, Paiakã anda sempre com uma máquina fotográfica Olimpus/Trip e um bom gravador debaixo do braço, para ele, instrumentos inventados pelos brancos de grande utilidade, também, para os índios.

"A minha idéia, é fazer o índio aprender. E aprendendo, ele mesmo vai desenvolver sua comunidade". Paiakã, ao ser indagado sobre que destino terá o seu povo, diante da corrida em busca de bens minerais, de terras para posseiros, declarou, circunspecto "é forte a influência do branco. E nos preocupa isso. Deixar de lado, não adianta. Tem que enfrentar. Vai ser duro, meu pai já disse. Os velhos da aldeia já disseram. A minha idéia é não deixar índio se esquecer de sua cultura. Tão cedo não perderá sua cultura. Perderá, um dia, mas será bem demorado. Nossa idéia, é não deixar perder nunca. Por isso que estamos nos preparando, saber a cultura do branco e não deixar a nossa se perder. Ela ficará para sempre, assim que o índio deve fazer. Eu me preparei e estou me preparando. E por isso, eu mostro para os mais novos que assim que deve ser. Eu fiz a experiência, agora queremos que mais jovens da aldeia se preparem. Tudo já está mudando. Índio quer mudar sem perder sua cultura. Assim que é a nossa idéia", afirmou.

Paulo Paiakã e as lideranças das aldeias Kayapó.

Romero inocente

O cacique Paiakã, uma das mais expressivas lideranças da nação Kaiapó, garantiu ontem que o antropólogo Cláudio Romero nunca ao menos sugeriu aos índios que estes autorizassem a abertura de garimpo em terras Kaiapó. "Partiu de mim mesmo e da comunidade" — assegurou Paiakã. Segundo ele, também, a autorização para a realização de atividades mineradoras na área, não foi dada pelo antropólogo, como alega a Funai, mas pelos próprios indígenas.

"Quem autorizou eu, que sou índio, que vive lá dentro da aldeia. Fiquei sem apoio da Funai e eu mesmo resolvi autorizar a abrir o garimpo. Pelo menos a gente tem algum controle, algum conhecimento e ganhando alguma coisa. Deixar escondido lá, sem ninguém lá e o garimpeiro tirando por trás, cadê a vantagem para o índio? Não tem" — acrescentou.

Enfático, Paiakã salientou ainda: "Então estão colocando o Cláudio como autorizando. Ele deu alguma ajuda para nós, tá certo, a função dele, para assumir algum cargo na Funai, para dar alguma ajuda ao índio. Mas não ficar autorizando, quem autoriza é o próprio índio, é quem vive lá, é o dono de lá".

O antropólogo Cláudio Romero foi demitido da Funai no mês passado, junto com outros funcionários do órgão. Ele é acusado de haver autorizado a mineração nas terras Kaiapó e, alega a Funai, não teria autorização sequer para trabalhar com aqueles índios. O caso está na Polícia Federal, que realiza inquérito para apurar responsabilidades, a pedido do presidente Álvaro Villas-Boas.